

SONÂNCIAS, SILÊNCIOS E SENTIDOS EM BURITI DE GUIMARÃES ROSA

SOUNDS, SILENCES AND MEANINGS IN BURITI FROM GUIMARÃES ROSA

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP –
Campus Rio Claro/SP) – Professor do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Católica de Brasília.

gcca99@gmail.com

110

Resumo: A intencionalidade da existência é um dos fundamentos da ontologia fenomenológica, que ocorre por diferentes atos perceptivos, emotivos, intelectivos, memoriais, cognitivos, imaginativos, dentre tantos outros, sendo a escuta uma das formas de direcionamento da intencionalidade da existência em relação a si mesma. Neste artigo há a proposta de análise do papel ontológico da escuta no conto *Buriti*, de Guimarães, fazendo-se uso de autores da fenomenologia, trabalhos e reflexões da ciência geográfica e contribuições de autores da crítica literária na constituição de uma proposta ôntico-analítica do papel dos sentidos, silêncio e sonância, a partir do escutar atento, o auscultar, como alcance ontológico do devir existencial. O exercício analítico proposto perpassa paisagens, intencionalidades, sons, quietudes e a maneira para qual os sentidos são trabalhados pelo autor mineiro pelas experiências e vivências de suas personagens no conto *Buriti*.

Palavras-chave: Ontologia Fenomenológica; Silêncio; Som; Existência; Buriti.

Abstract: The intentionality of existence is one of the foundations of phenomenological ontology, which occurs through different perceptive, emotional, intellectual, memorial, cognitive, imaginative acts, among many others, with listening being one of the ways of directing the intentionality of existence in relation to itself. In this paper, there is a proposal to analyze the ontological role of listening in the short story *Buriti*, by Guimarães, making use of authors of phenomenology works and reflections on geographic science and contributions from authors of literary criticism in the constitution for a ontic-analytical proposal of the main role of the meanings, silence and sounding, based on attentive listening, listening, as ontological scope of existential becoming. The proposed analytical exercise goes through landscapes, intentions, sounds, quietness and the way in which the senses are worked by the author from Minas Gerais through the experiences and experiences of his characters in the short story *Buriti*.

Keywords: Ontological Phenomenology; Silence; Sound; Existence; Buriti.

*"Você sabe, pensou nisso?... A noite foi silêncio.
Precedeu o silêncio à Criação.
Silêncio era o incriado e nós, os criados, viemos do
silêncio.
Ao claustro materno, tinham acesso os sons?
Será que meus órgãos de ouvir não tinham se
desenvolvido, que de todo som careço de marca e
memória?
De silêncio fomos e ao pó do silêncio voltaremos.
Alguém pede: "Que possa eu recuperar a paz das
antigas noites...". E se lhe concede um vasto
silêncio, sereníssimo, sem bordas. (O preço é sua
vida.)" O Silencioso, Di Benedetto, 2006, p. 110.*

Considerações iniciais

111

O silêncio situa-se na fronteira ontológica entre o Ser e o Nada. Metafisicamente e onticamente o silêncio tanto guarda o sentido como, por muitas vezes, representa o não-ser. A história da ontologia na filosofia e do pensamento ocidental acompanha o Ser, como amplamente trabalhado por Martin Heidegger em seu *Ser e Tempo* (2008), e o silêncio, como a temporalidade primordial é entoado pelo filósofo alemão com este protagonismo. Do mesmo modo, na contraparte, de soslaio, e sempre presente em sua ausência, o Nada acompanha a mesma história do Ser e, de igual modo, há a nada, comumente associada ao silêncio, como também refletem Gilvan Fogel (1996; 2017), Gmeiner (2008), Beaini (1989) e Sergio Givone (2009).

Silêncio, sonoridade, ser e nada, temporalidade e espacialidade, o ente e as essências, diferentes pontos temáticos que fazem parte da estrutura analítica da ontologia fenomenológica. Diante de uma gama tão complexa e imbricada de singularidade como são os pontos de aprofundamento da fenomenologia, é importante que façamos um recorte temporal ou situacional, do que se pretende analisar. Desse modo, escolheu-se uma expressão literária particular, *Buriti*, de Guimarães Rosa, e a ocorrência da silenciosidade como *grafias* do ser, na mundaneidade da narrativa.

Essa contribuição diegética, a respeito das grafias do silêncio, na obra *Buriti* de Guimarães Rosa, busca trazer um olhar sobre o fenômeno da silenciosidade em passagens específicas da narrativa presente nessa novela do autor. O recorte analítico se faz necessário pela presença singular de um personagem que é o *porta-auscultação* do silêncio no ambiente principal do livro, que é a fazenda Buriti Bom, Nhô Zequiel. De igual modo, o limite fático da diegese proposta se voltará à experiência fenomenológica específica desse personagem, apesar de haver emersões do silêncio em diferentes momentos e situações de *Buriti*.

Há três momentos que compõem o presente estudo, interconectados entre si. O primeiro momento diz respeito ao ato de *auscultar* o silêncio, e sua relação como o (des)mostrar-se do ser. Em seguida, há uma apresentação breve sobre a geograficidade e tessitura da silenciosidade, e como é possível analisar, pelo olhar e raciocínio geográfico, as manifestações do ser-e-estares-no-mundo. Por fim, após as etapas iniciais, que fornecem o embasamento diegético para análise literária de *Buriti*

de Guimarães Rosa, parte-se, especificamente, para as falas e situações das expressões de auscultação ôntico-ontológica do silêncio em sua obra.

Do ouvido ao auscultado

Como os grandes valores do ser e do não-ser são difíceis de situar! O silêncio, onde está sua raiz, é uma glória do não-ser ou uma dominação do ser? Ele é "profundo". Mas onde está a raiz de sua profundidade? No universo onde rezam suas preces as fontes que vão nascer, ou no coração de um homem que sofreu? Em que altura do ser devem aguçar-se os ouvidos que escutam? (BACHELARD, 2008, p. 185).

O escutar

Pode-se realizar um paralelo entre o escutar e auscultar, fenomenologicamente. Compreende-se que o primeiro ato relaciona-se diretamente com a percepção fenomenológica, tal qual trabalhada, por exemplo, por Merleau-Ponty (2008), que é amplamente utilizada em pesquisas voltadas à ontologia fenomenológica. Nesse aspecto, do escutar fenomenológico, temos uma aproximação considerável com o Em-Si e Para-Si sartreano. Em outros termos, o escutar fenomenológico relaciona-se com o ato intencional da audição ao apreender, perceptivamente os sons e a ausência de som, do Em-Si da facticidade mundana na direção do Para-Si, que somos nós, o ente diferencial na relação ôntico-ontológica com o mundo:

Assim como está necessariamente "aqui", o corpo existe necessariamente "agora"; ele nunca pode tornar-se "passado", e se no estado de saúde não podemos conservar a recordação viva da doença, ou na idade adulta a recordação de nosso corpo quando éramos crianças, essas "lacunas da memória" apenas exprimem a estrutura temporal de nosso corpo. A cada instante de um movimento, o instante precedente não é ignorado, mas está como que encaixado no presente, e a percepção presente consiste em suma em reaprender, apoiando-se na posição atual, a série das posições anteriores que se envolvem umas às outras. Mas a própria posição iminente está envolvida no presente, e através dela todas as que advirão até o termo do movimento. Cada momento do movimento abarca toda a sua extensão, e em particular o primeiro momento, a iniciação cinética, inaugura a ligação entre um aqui e um ali, entre um

agora e um futuro, que os outros momentos se limitarão a desenvolver. Enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência; mas, de qualquer maneira, ela nunca pode ser total: o espaço e o tempo que habito de todos os lados têm horizontes indeterminados que encerram outros pontos de vista. A síntese do tempo assim como a do espaço são sempre para se recomeçar. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 194-195).

É nesse sentido do posicionamento fenomenológico das coisas e fatos, como facticidade na e pela qual realizamos a percepção e pensamento que Merleau-Ponty (2008) nos ajudará a refletir sobre a essência do silêncio tanto ontologicamente como na sua representação literária de Guimarães Rosa. Merleau-Ponty (2015) vai além em suas conceituações fenomenológicas propondo uma reflexão sobre o signo vocal, assim como efetuado por Derrida (1994) em relação à voz, o pensamento é posto em evidência, no contato do o *extensio*, a facticidade em múltiplas e diversificadas circunscrições do ser pelos entes:

O pensamento objetivo, aquele que se aplica ao universo e não aos fenômenos, só conhece noções alternativas; a partir da experiência efetiva, ele define conceitos puros que se excluem: a noção da *extensão*, que é a de uma exterioridade absoluta entre as partes, e a noção do pensamento, que é a de um ser recolhido em si mesmo, a noção do *signo* vocal como fenômeno físico arbitrariamente ligado a certos pensamentos, e a da *significação* como pensamento para si inteiramente claro, a noção de *causa* como determinante exterior de seu efeito, e a de *razão* como a lei de constituição intrínseca do fenômeno. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 80-81).

Em outros termos, o que Merleau-Ponty (2015) coloca em evidência é a inerência entre o ôntico e ontológico, o fático e o fenomênico em uma relação equivalente entre o Em-Si e o Para-Si sartreano: “Assim compreendida, faz com que o próprio Em-Si passe à condição de mundo visto, e também o Para-Si à condição de Para-Si atolado no ser, situado, encarnado.” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 80).

O Para-si é um encontro-escolha, ou seja, define-se como escolha de fundamentar o ser do qual é encontro. Significa que o Para-si, enquanto empreendimento individual, é escolha, *desse mundo*, enquanto totalidade de ser individual; não o transcende rumo a uma

universalidade lógica, mas sim rumo a um novo “estado” concreto do mesmo mundo, no qual o ser seria Em-si fundamentado pelo Para-si; ou seja, transcende o mundo rumo a um ser-concreto-para-além-do-ser-concreto-existente. Assim, o ser-no-mundo é projeto de posse desse mundo, e o valor que impregna o Para-si é a indicação concreta de um ser individual constituído pela função sintética *desse Para-si-aqui* e *desse mundo-aqui*. O ser, com efeito, onde quer que seja, de onde quer que venha ou de qualquer modo que seja considerado, seja como Em-si, seja como Para-si, seja como o ideal impossível do Em-si-Para-si, consiste, na sua contingência primordial, em uma aventura individual. (SARTRE, 2008, p. 729-730)

Façamos o exercício de ilustração geoliterária do silêncio em sua dilatação onto-ontológica no Em-Si. Nhô Zequiel, uma das personagens do conto *Buriti* de Guimarães Rosa, da coletânea *Corpo de Baile*, evidencia, em sua capacidade do escutar atento, o auscultar das coisas. Liga-se, deste modo, o argumento tanto sartreano como de merleau-pontyano de que é preciso ter-se o contato, a percepção e o pensamento na intencionalidade do plano ôntico, para que alcancemos a essência dos entes, nesse caso, representado pelos sons, ruídos e vozes:

- “... **Mesmo muito antes do primeiro galo em-cantar, que foi, um cão uivou no terreirinho de José Abel...**” O Chefe, ele escuta, de escarafuncho. Trás noite, trás noite, o mundo perdeu suas paredes. Fere um grilo, serrazim. Silêncio. E os insetos são milhões. O mato – vizinha mansa – aeiouava. Do outro mato, e dos buritis, os respondidos. Mais frio e cheio de calor, o Brejão bole. Um peixe espiririca. Um trapejo de remo. Um gemido de rã. O seriado **túi-túi** dos paturis maçaricos, nos piris do alagoado. Nunca há silêncio. As ramas do mato, um vento, galho grande rangente. As árvores querem repetir o que de dia disseram as pessoas. Frulho de pássaro arveoando – decerto temeu ser atacado. – **Nhanhão, iàssim... Quero ver as três coruja?!** Os sapos se interrompem de súbito: seu coro de cantos se desprenhou numa cachoeira. No silêncio nunca há silêncio. (ROSA, 1988, p.142 – grifos do autor).

O que Nhô Zequiel percebe e ouve, é o próprio mundo se mostrando, *sendo* pelos entes sonoros que o con-forma: “O som gera formas. O ato de nomear consiste em chamar o ente àquilo que ele é. As vozes retratam a multiplicidade dos entes que se mostram, cada qual com seu nome.” (BEAINI, 1989, p. 70) que dialoga com as linguagens espaciais dos sons trabalhada por Dozena (2019). O que intriga Nhô Zequiel é justamente sua compreensão de uma condição ora como dádiva, ora como fardo ou dúvida, se questionar-se e, por vezes, compreender cada limiar sonoro que o rodeia:

Como o Chefe ouvia, ouvia tudo, condenado. Quem o inimigo era? Quem vinha? A noite traspassa de longe, e se pertence mais com o chão que uma árvore, que uma barriga de cobra. Tem lugar onde é mais noite do que em outros. — Ih! Um inimigo vinha, tateando, tenteando. Custoso de se conhecer, no som em sons: tu-tu... tut... Na noite escutada. — Diacho! De desde que o sol se some, e os passarinhos do branco se arrumam em pios, despedidos, no cheio das árvores. Aí começa o groo só, do macuco, e incôam os sapos, voz afundada. Com as corujas, que surgem das grotas. O clique-clique de um ouriço, no pomar. O nhambú, seu borborinho. O ururar do urú, o parar do ar, um tossir de rês, um fanhol de porteira. A certo prazo, os sapos estão mais perto, em muito número; a tanto, se calam. (ROSA, 1988, p. 122-123).

As formas do som, como referenciado por Beaini (1989) com o ente da sonoridade, em seus diferentes sentidos, nas essências do som como significações atreladas ao plano ôntico sonoro, que será posto e disposto tanto pelos lugares de (des)velamento do ser em geograficidades como conceituado por Dardel (2011) e, também, em difíceis definições do limite entre o ser, o aparecer e as formas do mostrar-se do ser por lugares e paisagens, expressos na arte geoliterária (BERQUE, 1998; BESSE, 2006; CAUQUELIN, 2007; COLLOT, 2013; SILVA, 2000). A forma do som ou sons do mundo corrobora com as tentativas de Nhô Zequiel de *transcrever* por palavras significações sonoras tão singulares:

Tem formas de barulhos que ninguém nunca ouviu, não se sabe relatar. O Chefe guarda todos eles na cabeça, conforme não quis. Não quis, até aos respingos do campo, até aos galos, no pintar da aurora. Então, o xororó pia subindo uma escadinha — quer sentir o seu do sol. Mas o que demora para vir, o que não vem, é mesmo esse fim da noite, a aurora rosiclara. Onde agora, é o miolo maior, trevas. Horas almas. A coruja, cuca. O silêncio se desesperava. A coruja concluí. Meu corpo tremeu, mas só do tremer que ainda é das folhagens e águas. Para ouvir o do chão, a coruja entorta a cabeça, abaixando um ouvido despido. Ela ouve as direções. A jararaca-verde sobe em árvore. — Ih... O úú, o úú, enchemenche, aventesmas... O vento úa, morrentemente, avuve, é uma oada — ele igreja as árvores. A noite é cheia de imundícies. A coruja desfecha olhos. Agadanha com possança. E òe e rõe, ucrú, de ío a úo, virgeminha, tiritim: eh, bicho não tem gibeira... Avougo. Ou oãoão, e psiuzinho. Assim: tisque, tisque... Ponta de luar, pecador. O urutáu, em veludo. Í-ée...Í-ée... leu... Treita do crespo de outro bicho, de unhar e roer, no escalavro. No tris-etriz, a mingúavel... É uma pessoa aleijada, que estão fazendo. Dou medida de três tantos! Só o sururo... Chuagem, o crú, a renho... Forma bichos que não existem. De usos, — as criaturas estão fazendo corujas. Dessoro d'água, caras mortas. Querereú... Ompõe

omponho... No que que é, bichos de todos malignos formatos. O uivo de lobo: mais triste, mais uivoso. Avoagem, só eu é que sei dos cupins roendo. Para outros, a noite é viável. Que não tenho pai nem mãe, meus menos... É a morma, mingau-de-coisa, com fôgo-frio de ideia. Dela, esta noite, ouvi só dois suspiros, o cuchusmo. Mortemente. Malmodo me quer, me vem, psipassa... Quer é terra de cemitério. Um som surdoso, Izicre, o iziquizinho, besouro que sobe do cano dum buraco. Divulgo de bichos que vão ferrar o dente no canavial. Uê, uai, a árvore sabe de cór suas folhas secas todas. (ROSA, 1988, p. 150).

A árvore, a refeição, os sons, o mundo em sua mundaneidade é o contato primeiro e máximo que possuímos, juntamente com Nhô Zequiel em *Buriti*. A facticidade do Em-Si, pelas coisas, formas e fatos do ser, onticamente (des)velado pelos sons, vozes e ruídos, entrelaçam-se tanto no desenvolvimento da personagem de Guimarães Rosa como em nossa análise proposta neste estudo:

O inimigo não vem. Só se um cachorro avisar, só se um cachorro uivar uivos. De baque, de altos silêncios, caíu, longe, uma folha de coqueiro, como elas se decepam. Se despenca das grimpas, dá no chão com murro e tosse. A tão! — tssùuuu... Os dois seguidos barulhos: o estampido, e depois o ramalhar varrente, chichiado. De tempos, sem razão, o coqueiro perde uma daquelas largas palmas, já amarelas no empenado da folha, mas o escape ainda todo verde-claro. Instante, latiram, daí. Um cachorro caça juízo. E puxou um silêncio tão grande, tão fino em si, tão claro, que até se escuta curuca no rio. A ruguagem. — “É peixe pedindo frio!” Um sapo rampando. Outro barulhinho dourado. Cai fruta pôdre. Daí, depois muito silêncio, tem um pássaro, que acorda. Mutúm. O mutúm se acusa. O mutúm, crasso. As pessoas mais velhas conversavam, do que havia entre o mato e o campo. — “Lobos?” — “Têm achado muita bosta deles. E ouvido urrarem, neste tempo de frio...” Os lobos gritam é daqui agora, no tempo-de-frio, à boca da noite, ou até às oito horas. Gritam, na cabeceira da vereda. Lobo dá um grito feio: — Uôhh! Uôuhh!... A fêmea grita responde: — Uaáh! Uáh!... Eles têm dôr-de-lua. (ROSA, 1988, p. 123).

Cada esforço rosiano de transcrever a tessitura ôntico-ontológica do mundo é a linguagem habitando o seu lugar diferencial, pelo ser humano. A palavra, o poder dizer, expressar-se, é maneira pela qual o Dasein Heidegger (2009) pode ser observado em sua representação na obra *O caminho campo* quando nos envolve nas seguintes reflexões:

A linguagem é a morada do ser. Na habitação da linguagem mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardiões dessa morada. Sua vigília consiste em levar a cabo a manifestação do ser, na medida em que, por seu dizer, a levam à linguagem e nela a custodiam. O

pensar não se converte em ação pelo fato de provir dele algum efeito ou por ser utilizado. O pensar age na medida em que pensa. Essa ação é provavelmente a mais simples e ao mesmo tempo a mais elevada, pois diz respeito à relação entre ser e homem. (HEIDEGGER, 2009, p. 326).

117

Ir em direção à morada do ser é fundamentar-se em uma trilha da ontologia fenomenológica. Estes são os passos metodológicos, pautados na ontologia fenomenológica, do escutar ao auscultar. O ouvir atento, no colocar-se em disposição de habitar a fresta entre o ser e o nada pelo silêncio e o som é a experiência perceptível em *Buriti*, por duas formas de representação do *ser-aí*, o *dasein* de Martin Heidegger (2008), tanto pela personagem Nhô Zequiel como pelo próprio leitor que acompanha a passagem da guarda e libertação da palavra e som em seu (des)velar pela audição:

Ouvir e esperar possibilitam que se tenha acesso ao inesperado. Há uma convergência, sempre presente, que chega a tornar-se quase refrão de Heidegger: a abertura do homem para o Ser. Velando-se de uma linguagem também poética, o autor descreve essa abertura. O *Da-sein*, aberto para o Ser, tem o despojamento das coisas da Natureza. O Simples pode revelar-se porque não coloca obstáculos à revelação. Todos os preconceitos, as teorias científicas ou filosóficas, a irreflexão, a errância fazem o homem surdo para a revelação. É na palavra que essa revelação se dá. Guardar a Palavra torna-se a atitude moralizante do homem. Guardar a Palavra, do mesmo modo que guardar a obra de Arte, como vimos, é ser guardião da Verdade. A Verdade é tanto mais difícil de ser guardada e aceita na revelação do Simples, quanto mais ela aparece em seu estado mais autêntico, ou seja, como Mistério. (GMEINER, 1998, p. 130).

O som, o verbo, a fala e a voz guardam o sentido do Ser em seu des-velar do ser ao ente, do ontológico ao ôntico, do Nada ao sentido. Essa é a caminhada existencial que acompanhamos na habilidade do ouvir atento de Nhô Zequiel, na esteira do que disserta Beaini (1995) com seu deus-cantor, o criador do sentido de todas coisas do mundo:

O deus-cantor que poeticamente engendra o real tem sua voz identificada ao relâmpago ou ao trovão. O relâmpago, produzido pela descarga elétrica entre duas nuvens (percussão), simboliza o som, não apenas na rapidez que o caracteriza ou no remetimento à chuva fecundante, mas fundamentalmente no tocante ao nuvear. As nuvens, constituídas por partículas de Água, não nos indicam apenas o nebuloso que encobre a Vida, mas o momento criador no qual Água e

Luz se fundem. O som, propagando-se no ar, é a matéria-prima da Música, do ritmo, da Linguagem, da dança, da Festa, unindo o deus criador - que o produziu - às criaturas - que o reforçam - em sua capacidade de ressonância. O som estrondoso do trovão que, rompendo o caótico, nele origina a harmonia e frequência cósmica, alude à tempestade (úmido) que, repetindo ato originário (criação, outorga vida aos entes, fecunda. Anunciam-se as estações do ano: provenientes da melodia nomeadora, mantêm a ordem essencial, na gênese conferida. A música surge no reino humano da palavra, como preservação da ordem e da harmonia divina, como o mesmo âmbito, no qual se des-venda aos mortais o seu poder re-criador do ritmo cósmico. Em todo o ato criador trava-se o combate instaurador da origem - passagem do Não-Ser ao Ser, enquanto a ele compete o presentificar. Criar é penetrar no silêncio originário, cultivando-o, na espera do momento propício para que algo, uma mensagem venha-à-luz, ecloda em sua luminosidade. (BEAINI, 1995, p. 12).

Façamos então o movimento fenomenológico de exercício de um passo seguinte, do escutar ao auscultar, do fático pelo som, palavra e ruído ao paradoxal ontológico do silêncio como o toque do ausente ôntico, no qual a fonte do ser também emana-se em potência de significar-se, predicar-se e aderir-se ao Em-Si, captado pelo Para-Si, o ser-aí como morada do ser, emanador, representador e interpretador da palavra, como silhueta de entendimento do Ser em seu *falar-se* como (des)velamento pelo ente.

O auscultar e o silêncio

Em prosseguimento onto-ontológico do tópico anterior, que estará intimamente ligado ao geo-literário de *Buriti* de Rosa (1988), temos então o auscultar, o passo seguinte à audição em meio ao Em-si, a facticidade ôntica mundana. O silêncio resguarda a manifestação do sentido do ser pelo ente que é (des)velado na palavra. E, mais que esta característica específica do silêncio, é importante refletir sobre seu aspecto de resguardo que requer uma filosofia que verse e volte-se à finitude, às circunscrições ônticas do Ser:

Uma filosofia da finitude volta-se para aquele que levanta a tese do realismo da ordem ou a tese do idealismo do espírito e descobre o homem como matriz destas duas posturas. *Por que procede o homem assim?* Com isto se ultrapassa a postura propriamente metafísica que vive dos extremos (idealismo-realismo: transcendentalidade-objetividade). A ontologia da finitude olha para a facticidade que é sempre também transcendentalidade. Não se trata de discutir as

razões do realismo contra o idealismo ou vice-versa. A questão fundamental torna-se o homem. E a questão do ser, não se apresentará mais como uma tese. Antes como uma sondagem da condição humana que por ele pergunta. Surge, assim, a ontologia da finitude. O ser não é mais tese, mas hipótese. A questão do ser será, enquanto genitivo subjetivo, a questão que o ser põe para o homem e, enquanto genitivo objetivo, a questão que o homem faz do ser. (STEIN, 1976, p. 24).

No contato com a facticidade e sua (in)finitude é que poderemos refletir sobre o toque ôntico ao ser, na diferença ontológica, efetuada por nós, o *ser-aí*, seja em quietude ou dizer da palavra do Ser: “O método fenomenológico, enquanto coincide com o pensamento do ser, é somente possível no horizonte do círculo hermenêutico e isto diz, mais radicalmente, no círculo da finitude em que “não acontecer ser sem o ser-aí” (STEIN, 2001, p. 206). Por esta razão, da centralidade e protagonismo do *ser-aí* que Guimarães Rosa (1998) elege Nhô Zequiel para se comunicar com o eleitor sobre a (in)quietude da personagem frente ora ao ruído ora ao silêncio, em momentos de transpassagem do escutar ao ascultar do silêncio como experiência ao ser *geo-grafado* no (des)velar dos entes sonoros, uma escrita que vai da micro a macro escala da existência (ARAÚJO, 2015, 2020).

O Chefe Zequiel deve de estar escutando, há de tudo ouvir — o cochicho do cocho se enchendo d’água, e o intervalo, choðcheio. — “Agora?” — Não. Isso outro, é bicho do brejo...” A estas horas, garça da noite, o socó pesca e caça. Ou um sapo? Todo dormia o campo.(ROSA, 1988, p. 147).

O campo, o bicho o zumbido das coisas e sensações inquieta Zequiel para além do plano ôntico. O rompimento para o (in)finito, o incerto e ontológico, ou ao nada, na figura do Cão, é o traço metafísica em sua persistência tão marcante na obra de Guimarães Rosa, tal como afirma Roncari (2004) Rocha (2020). Do ser ao nada, passando pelo som das coisas, continua Chefe Zequiel em seu ascultar-o-mundo:

O Chefe Zequiel, por certo, ouvia toda agitação de insônia — Ih, uê... Quando a coisa piora de vir, eu rezo! — o Chefe se benzia. No chão e na parede do moinho, ele riscou o signo-salomão. O Chefe Zequiel mede o curto do tempo pelo monjolo. Espera os galos. Do que ele sabe, conquistador, teme o com o til do Cão, o anhanjo. Ele não tem silêncio. Desde de quando dão voado os morcegospequenos, que vêm morder a veia-do-pescoço dos cavalos e das mulas, soprando dôce, de asas, em quando no chupo, e aqueles animais amanhecem

lambuzados de sangue. Os ratos espinhosos, que farejam com uma venta e depois com a outra, saem de seus buracos, no chão da mata. Um crocitar grosso: o jacú-assú. Depois, o gangolô de aviso, em pescoço de boi. Canta a rã, copos de olhos. O zuzo de asas, degringolando, dos morcegos, que de lugar em lugar sabem ir — somente pelos canais de escuridão. Só não se ouve é lontra nadar e mergulhar, e a coruja estender asas. Mas ela alimpa o bico. Dá estalos, rosnou, a corujabranca, rouca raiva. Quando assim, é coruja doente, que as outras corujas estão matando. Quem perdeu uma moedinha de tostão, no campo, ela pega a tinir, sozinha. O senhor ouve o orvalho serenar. E umas plantas dão estalos. A coruja está sempre em contra-luz de qualquer lumiado em pratear de folhas. Ela baixa, num revence. O ratinho dá um tão diabo de grito, afiante, que ele a irrita. Seguiu-se uma sossegação, mas que enganosa: todos estão caminhando, num rumo só, os que têm sua vivenda no campo ou no mato. Eles vão a contra-vento. Todos são sorrateiros. (ROSA, 1988, p. 148-149).

Pelos sons da fazenda Buriti Bom do conto rosiano encontramos ressonâncias da representação do *extensio* conforme trabalhado por Merleau-Ponty (2015) ou a mundaneidade fática de Heidegger (2008), plano ôntico paisagístico no qual experienciamos o (des)velar do silêncio, em coagulação pela espacialidade, como mencionam Le Breton (1999) e Steiner (2003), sendo a silenciosidade a concreção, e também abstração, do *ser-aí* em seu contato com o *Ser pelos entes*, mesmo que haja a ora a limitação ora a abertura ao (in)finito da facticidade:

“O ser é finito porque é compreendido pelo ser-aí que é finito enquanto preocupação e temporalidade. Heidegger afirma, além disto, como já foi visto, que a marca da finitude do ser-aí se revela no fato de o homem somente poder conhecer os entes através da compreensão do ser. Por isso, a ontologia e o índice da finitude.” (STEIN, 2001, p. 295).

A auscultação do silêncio, portanto, não poderia ser diferente, de outra forma que não pelo *falar* das coisas, que (i)rompem a tessitura do silêncio tanto como Ser em potência ou representação do Nada; A palavra e som (des)velam o ser, pelo ente que, em sendo pensado, manifesta-se pela linguagem em diferentes formas de expressão e representação do significante, portador dos significados do ser, os predicados de devir que formam tanto a pele como a espessura do existente pela existência, que somos nós, capaz de vivenciar a experiência do ser-no-mundo em diferentes estares.

No seu exercício poético em *O Caminho do Campo* Heidegger (1969) vai ao encontro do que viria a desenvolver como o auscultar do Ser: “O apelo do caminho do campo é agora bem claro. É a alma que fala? Fala o mundo? Ou fala Deus?” (HEIDEGGER, 1969, p. 72). O *Da* possui o significado do *aí*, o ponto *extensio* no qual nos localizamos como referentes tanto do silenciar como do dizer da essência dos entes:

121

O *silêncio* – ausência de barulhos? Ou? O silêncio, mais essencial. “*Ausculata*” – *estar silente, adentrar o silêncio, silêncio do Da*. Ausculata – não só: “Seja ouvido”, mas seja mais preceptor do que já és, sem sondar e também apenas conhecer e fundar esse “ser”. Mais capaz de ouvir – mais auscultante – de que essência e de que alcance é o auscultar! Cada vez conforme a ob-au-diência (*Gehor-sam*), a junção articuladora (*Fugung*), cada vez conforme o domínio da ocasião apta. (HEIDEGGER, 2015, p. 107).

Silêncio é imersão, espera e desaceleração do tempo pela espacialidade do *Da* na facticidade, o Em-Si sartreano. Na espera do som, voz e fala do Ser, vamos ao encontro do (des)velar-se da essência em cada mínimo detalhe ruidoso da vivência e experiência cotidiana que nos cerca.

Haveria o *grau zero* do som?, tendo em vista que, se lá chegássemos, estaríamos na fronteira do Nada e não mais no plano do Ser, ou tal qual disserta Sartre (2008), no limite, o nada e ser seriam lados de uma mesma moeda? Auscultar o silêncio é permitir-se (des)ouvir, em cada ruído, traço de som e impermanência da sonoridade seja pela palavra do outro ou vivência cotidiana da mundaneidade. Palavra e som, dizer e calar-se completam-se: “O discurso revela o ser enquanto o homem mantém-se próximo ao des-velamento.” Ao mesmo tempo, o auscultar também é o encontro do dizer como apreensão e (des)velar do Ser pelos entes: “Contudo, o ouvir e o silêncio são momentos do discurso que possibilitam ao homem uma compreensão do que o ser lhe diz. Nesse contexto, a palavra é escuta, sendo que no ouvir é que se encontra o sentido do falar humano.” (BEAINI, 1989, p. 63). Aproximar-se, portanto, do grau zero do som e da palavra é *tocar* a silhueta do Ser e, ao mesmo tempo, sentir o soslaio do Nada: “O ouvir e o silêncio são constitutivos do discurso. Aquele que sabe ouvir tem acesso ao silêncio autêntico, e nele, deixando que o ser diga, está próximo à fonte que fundamenta o falar humano.” (BEAINI, 1989, p. 63).

A aproximação entre o Ser o Nada e o silêncio possibilita, muitas vezes, a incursão a manifestações existenciais e niilistas, seja na filosofia ou literatura, como efetuado no presente texto na obra *Buriti* de Guimarães Rosa. Do mesmo modo, este ouvir o silêncio é o principal exercício epistemológico e analítico efetuado, por exemplo, por Araújo (2016) tanto em poesia como a prosa que possuem o labor geoliterário do silêncio como suas marcas, já que: “O ouvir precede o falar: esta é a Linguagem verdadeira, atenta ao ser.” (BEAINI, 1989, p. 63).

Os entes, suas floretas como diria Heidegger (1969; 2009) fazem com que tenhamos, na maior parte do tempo, um contato limitado ao silêncio, devido a (im)permanência da facticidade de forma direta, concreta das coisas, ou em indireta nos sons, ou até mesmo em planos ainda mais abstratos do ser da coisa, como o memorial e imaginário. De toda forma, é o *ser-aí* que catalisa tanto a palavra e o som como o silêncio em seu encontro ao Ser, e nós, como o *dasein* heideggeriano tanto guardamos como, também, (des)velamos esta essência (in)quieta: “O ser-aí, em se abrindo e manifestando o (des)velar do ser ocupa um protagonismo inerente e privilegiado de apreensão e expressão do ser pelos entes¹. Quando a revelação se dá, isso supõe um debruçar-se do *Da-sein* sobre e para o ente.” (GMEINER, 1998, p. 87).

Acolhemos o silêncio em seu adentrar-se no *extensio* como rendição à palavra e ao som: “Acolhendo o silêncio atingimos a essência da Linguagem, pois é uma prioridade da Linguagem que nos é dirigida pelo ser sobre aquela que falamos, visto que é o ser que propicia nosso falar acerca de tudo o que há.” (BEAINI, 1989, p. 64).

Auscultar o Ser pelos entes é, sobretudo, o exercício fenomenológico do calar-se à espera do (des)velar ontológico do Em-si fático: “A Linguagem apela o homem a calar-se, para que permaneça atento à escuta do ser.” (BEAINI, 1989, p.

¹ “Sabe-se que a explicação do real pode averiguar-se em dois planos fundamentais: o ôntico e o ontológico. A explicitação ôntica caracteriza as ciências particulares; a descrição, a pesquisa, a investigação, a manipulação dos entes restringe o ôntico à multiplicidade do real e, por isso, as ciências particulares desdobram-se de modo múltiplo: o mundo ôntico divide-se em regiões e, ao menos em princípio, a cada região corresponde uma ciência determinada. Estuda-se, assim, aquilo que o homem encontra: coisas, plantas, animais, acontecimentos, o próprio homem. Estuda-se sempre e apenas entes determinados, e esse limitar-se à determinação é o que permite distinguir, negativamente, o plano ôntico do ontológico. Realmente, não cabe às ciências particulares perguntar pela entidade do ente, não lhes compete colocar a questão do ser. E tal é justamente o objeto da ontologia: o ser.” (BORNHEIM, 1972, p. 9).

64).² Fenomenologicamente é preciso dar um passo além da audição, para que seja possível captar a essência do silêncio. É nesse sentido que Heidegger (2015) defende, como método o ouvir atencioso, que deixa-vir-o-ser. Auscultar é, portanto, esse entreouvir, como refere Guimarães Rosa em *Buriti*. Nas palavras do próprio Heidegger, temos então: “O ouvir, o ouvir atencioso, deixar vir a si, e ao mesmo tempo não tanto esgotado... como inclusão (“interioridade”), mas ao mesmo tempo novamente de tal modo que a percepção volta logo a ser um *gastar em...*” (HEIDEGGER, 2015, p. 87). O perceber fenomenologicamente a sonoridade se dá na busca pelo silêncio. O som, o ruído ou estrondo, são as formas que a linguagem *envolve* o ser em diferentes entes. São *escritas, marcas, grafias* audíveis, visíveis, palatáveis e sensíveis a nós, que as captamos, como *fendas* na tessitura do Ser:

Posto que sobremodo “marca característica” perfaz a essência da palavra, a primeira marca característica tem de ser toante? Aqui, já, esse ter em vista o *som* da palavra como *ruído* e, quer dizer, como anúncio e notação (*vermerkung!*) ao modo de um dado sensorial específico Mas

- 1) a palavra – não primeiramente palavra do *objetual, ente*, mas do *Ser*.
- 2) O som – não primordialmente relativo ao ouvido, mas ao *silêncio* – isto é, não “relativo”, mas um modo do próprio silêncio. Sua dilaceração – a “fenda” (HEIDEGGER, 2015, p. 90-91).

Guimarães Rosa estabelece uma facticidade específica, um recorte na mundaneidade para a expressão de sua estória, a fazenda Buriti Bom, que o aí (*da*) no qual o ser aflora nos dizeres de um porta-voz, Nhô Zequiel. E a inquietação desse

² “No monólogo interior, a palavra seria, portanto, apenas representada. Seu lugar pode ser o imaginário (*Phantasie*). Contentamo-nos em imaginar a palavra cuja existência é assim neutralizada. Nessa imaginação da palavra, nessa representação imaginária da palavra (*Phantasievorstellung*), não temos mais necessidade da ocorrência empírica da palavra. Sua existência ou sua não-existência nos são indiferentes, pois se temos, então, necessidade da imaginação da palavra, por isso mesmo dispensamos a palavra imaginada. A imaginação da palavra, o ser-imaginado da palavra, sua “imagem” não é a palavra (imaginada). Assim como na percepção da palavra, a palavra (percebida ou aparecendo) que está “no mundo” pertence a uma ordem radicalmente diferente da ordem da percepção ou do aparecer da palavra, do ser-percebido da palavra, assim também a palavra (imaginada) é de uma ordem radicalmente heterogênea à ordem da imaginação da palavra. Essa diferença, simultaneamente simples e sutil, mostra a especificidade irreduzível da fenomenalidade, e não se poderá entender nada da fenomenologia se não se presta a esse ponto uma atenção constante e vigilante. [...] O sentido “existência” pertence então ao fenômeno. Não é mais o caso no fenômeno da imaginação. Na imaginação, a existência da palavra não está implicada, nem a título de sentido intencional. Só existe então a imaginação da palavra, que é absolutamente certa e presente a si enquanto vivido. Essa já é uma redução fenomenológica que isola o vivido subjetivo como esfera de certeza absoluta e de existência absoluta. Esse absoluto de existência só aparece na redução da existência relativa do mundo transcendente.” (DERRIDA, 1994, p. 53).

personagem se dá pelo fato do mesmo auscultar as fendas, perturbações e ruídos no Ser, por meio das *grafias* desses entes, também auscultamos a silhueta do silêncio³.

Além do calar-se, o auscultar é o atencioso do fenomenológico frente ao (in) finito ôntico, por isso, sempre Nhô Zequiél de Guimarães Rosa, em sua inabilidade com as palavras, retorna à quietude para tentar melhor compreender o que ouviu nas paisagens da fazenda. Heidegger (2015) define o auscultar como “um *ouvir atencioso – razão?* Ou será que o auscultar é o *emudecimento do silêncio – Da-sein ?*” (HEIDEGGER, 2015, p. 100). E, mais que isto, a insistência e permanência da espera no ali do ser-em que encontra sua morada, pela linguagem em nós, em fala ou quietude: “A essência mais profunda da percepção é a *insistência* no *Da* (ali) —. Auscultar como: o silêncio – *ser*. (HEIDEGGER, 2015, p. 98). A palavra é tanto apropriação como (des)velamento do Ser, porque origina-se no silêncio, articula a voz, busca compreender-se como som a partir do ruído ôntico e, eventualmente, poetiza-se na facticidade, por entre paisagens e lugares.

Não é possível chegar-se ao silêncio absoluto, como experiência ou percepção ôntico-ontológica, neste caso, se assim ocorresse teríamos o contato com o Nada, o negativo igualmente absoluto, como afirma Nancy (2007) e também reflete Givone (2009) e Fogel (1996). Escuta-se o som, irrompe a palavra, e, no atentar-se ao ruído e sonoridade, auscultamos cada vez mais o Ser como potência e origem, almejando, cada vez mais a contemplação da ideação fenomênica do mostrar-se do silêncio como Ser, pronto para emanar-se em (des)velamento em todo plano ôntico:

El sonido esencialmente proviene y se dilata, o se difiere y se transfiere. Su presente no es entonces tampoco el instante del tiempo

³ “Escutar (ouvir) quer dizer: recolher-se neste acontecimento elementar da vida, da existência. Concentrar-se nisso. Neste recolhimento, nesta concentração, salta-se para dentro da vida, isto é, entra-se no seu próprio elemento ou no seu mais próprio modo de ser. A verdade é que nisso neste modo de ser (participação, inserção no elemento vida), queira-se ou não, sempre já se está, sempre já se é. Neste ou Deste sentido, sempre já se participa, sempre já se é na e desde a participação vital existencial. Quer dizer, neste ou deste sentido, participação é dimensão constitutiva, necessária da vida. Outra coisa é apropriar-se disso, deste modo de ser. A isso se chamou, acima, de saltar para dentro da vida, entrar ou afundar na própria vida, na própria existência. Participar como, em salto e como salto, transpor se para o sentido que se é. Sim, apropriar-se, autoapropriar-se. Sobretudo a este modo privilegiado de participar (no/do sentido, logos) se está denominando, aqui, agora, escutar, ouvir. Melhor, como já dito, aí e assim, neste modo de ser, recolher-se, concentrar-se e, então, pôr-se à escuta. À espera e à escuta. Esta escuta é também uma espera, à medida que concentração, recolhimento. Estranho, aqui, esta fala de “apropriar-se”. Faz-se porém, necessária, pois o homem é o insólito vivente que precisa apropriar-se, autoapropriar-se (saltar para dentro de si; a vida, assim, salta para dentro dela mesma!) para, assim, vir a ser ou tornar-se o que é, a saber, homem. O homem é, precisa ser exercício de autoconquista através de autoapropriação. Ascese.” (FOGEL, 2017, p. 49).

filosófico-científico, el punto de dimensión nula, la estricta negatividad en la cual siempre ha consistido este tiempo matemático. Pero de entrada el tiempo sonoro tiene lugar según una dimensión totalmente distinta, que no es tampoco aquella de la simple sucesión (corolario del instante negativo). Es un presente en oleaje sobre la marea, y no en un punto sobre una línea; es un tiempo que se abre, que se ahonda y que se alarga o se ramifica, que envuelve y que separa, que riza o que se riza, que se estira o se contrae, etc. (NANCY, 2007, p. 32).

E Nancy (2007) segue em seu argumento do silêncio não privativo, de auto-cerceamento da voz ou do som. Pelo contrário, o silêncio emerge como o contato fenomenológico à fresta onto-ontológica da linguagem, sonoridade e palavra, habitada pelo *dasein*, ou como corrobora Beaini (1989, p. 64): “Quando o homem se cala, toca em seu silêncio, a origem da Linguagem: o dizer silencioso do ser.” Por esta razão, em cada momento que Nhô Zequiel tenta explicar para os demais habitantes da fazenda suas experiências do ruído e silêncio ora encontra todas as palavras possíveis para os entes ora se perde no desencontro do seu sentir auscultico do Ser e Nada frente ao silêncio, conforme trabalha Nancy (2007), sobre o eco do silêncio fenomenológico no si de si mesmo, ou seja, na diferença ontológico do Em-si e Para-Si, pelo *dasein*:

En efecto, el “silencio” no debe entenderse aquí como una privación sino como una disposición a la resonancia: un poco - o sea, exactamente...- a la manera en que en una condición de silencio perfecto se escucha resonar al propio cuerpo, su aliento, su corazón y toda su caverna resonante. Se trata entonces de remontar desde el sujeto fenomenológico, desde el punto de vista intencional, hacia un sujeto resonante, hacia el espaciamiento intensivo de un rebote que no se acaba en ningún retorno en sí sin enseguida lanzar una llamada en eco a este mismo sí-mismo. (NANCY, 2007, p. 45).

O efeito do silêncio no mundo como Em-si possível será o foco do próximo elemento a ser analisado. Pela atenção e intenção auditiva de Nhô Zequiel realiza-se, pela personagem o percurso do si ao si, pelos sons e silêncio pela ação do auscultar-o-mundo, rompendo a facticidade mundana e o extensio, tocando a silhueta do ouvir o ser, ou o nada, como (in)compreensão da própria existência.

Nhô Zequiel e *Buriti*: o ato auscultador

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
 nascimentos —
 O verbo tem que pegar delírio.
 (BARROS, 1994, p. 17).

O Em-si como vozerio fático e a escuta do ente

Correa (1978) em sua análise da *tessitura* da criação literária rosiana nos ajuda a realizar a ponte entre a palavra e o ser, o circunscrito em um nome ou definição da linguagem e o sentido ali guardado, como (des)velamento de um ser específico, por um ente também específico: “Escrever, para Guimarães Rosa, não era apenas uma operação de inteligência, um simples ato de rotina ou a exoneração de uma necessidade interior, mas também um culto no centro do qual se inseria a palavra como divindade suprema.” (CORREA, 1978, p. 35).

É nesse sentido que retorna-se a reflexão do início do artigo, quando ressaltou-se a permanência do argumento ôntico da (in)finitude da facticidade como contato com o Ser dos entes, especialmente nas obras de Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. É nos entes, e por meio deles, que Guimarães Rosa realiza sua criação literária a partir de uma experiência onto-ontológica, como referido por Coutinho (1976), a respeito da relação entre arte literária e fenomenologia, afirma que “As veredas, as estradas, as ruas, as avenidas se constituem em tablados para o desempenho da liturgia de ser em meu repertório, ao ensejo da repetição que os protagonistas se me oferecem.” (COUTINHO, 1976, p. 199).⁴

⁴ Argumento muito semelhante ao de Paz (1982, p. 132): “Todas as nossas versões do real — silogismos, descrições, fórmulas científicas, comentários de ordem prática, etc. — não recriam aquilo que pretendem exprimir. Limitam-se a representá-lo ou descrevê-lo. Se vemos uma cadeira, por exemplo, percebemos instantaneamente sua cor, sua forma, os materiais com que foi construída, etc. A apreensão de todas essas características dispersas não é obstáculo para que, no mesmo ato, nos seja dado o significado da cadeira: o de ser um móvel, um utensílio. Mas, se queremos descrever nossa percepção da cadeira, teremos de ir aos poucos e por partes: primeiro sua forma, depois sua cor, e assim sucessivamente até chegar ao significado. No curso do processo descritivo foi se perdendo pouco a pouco a totalidade do objeto. A princípio a cadeira foi apenas forma, mais tarde uma certa espécie de madeira, e finalmente puro significado abstrato: a cadeira é um objeto que serve para sentar.

A palavra ocupa um papel central, nesse sentido como a pele do ser, o predicado do sentido como tegumento em espessura da essência (des)velada em cada ente:

O nome, como que, necessita de faces, o pendor alegórico a se instituir em essência do nome, o que se comprova à mera pronúncia do termo que obtém a correspondência facial na mente do escutante, de modo imediato e mercê da experiência que ele, o ouvinte, acumulou no convívio com a imaginária externa.” (COUTINHO, 1976, p. 201).

Blanchot (2011) e Paz (1982) corroboram com a posição de Coutinho (1976), sobre a importância da nomeação como o ato intencional primário da relação que possuímos com o mundo. E essa relação do nomear, como portadores da palavra e linguagem, fará toda a diferença no habitar do mundo, como o *dasein* que possui o contato tanto com o silêncio como o som, simbolizado, nesses casos, pela manifestação do dizer as coisas. O perfil estilístico único de Guimarães Rosa possui um agrupamento de características que nos permite efetuar em sua obra o exercício da relação entre escuta e o auscultar do silêncio por suas personagens e, por estas razões também, Correa (1978) afirma que:

O seu labor estilístico foi sofrido, imenso, incalculável. Mas, segundo ele confessaria ao mestre italiano, nem tudo era artesanato, nem tudo era elaboração racional pura e simples na obra desse formidável tecelão da língua. Por trás de toda aquela incrível tapeçaria linguística, que enquadra as suas novelas entre as mais originais da literatura universal do nosso tempo, havia algo (intuição, inspiração, graça infusa, qualquer que seja o nome que se lhe queira dar) mais profundo que a simples técnica artesanal. (CORREA, 1978, p. 34).

Neste estilo do autor de nos contar suas histórias, é a noite que mais frequentemente representa o silêncio da palavra do Ser e proximidade como o Nada. No seu ato de auscultar, Nhô Zequiél coloca-se à disposição da escuta do silêncio, permitir-se ir na direção da não-sonoridade e, ao mesmo tempo, detectar os mais singelos sussurros, espreitas das palavras em estado próximo do inaudito, especialmente à noite:

No poema a cadeira é uma presença instantânea e total, que fere de um golpe a nossa atenção. O poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós.”

“Orgulhava-se de tudo e assim foi que chamou o Chefe, para mostrá-lo a Miguel. O Chefe saía de seu sono diurno. De dia, não ouvia aqueles selvagens rumores? Ah, não. – Nhônão... De dia, tudo no normal diversificava. De noite, sim: - **Nhossim, escutei o barulho sozinho dos parados.** (ROSA, 1988, p. 137 - grifos do autor).

128

E será na facticidade, no plano ôntico do cotidiano de Nhô Zequiel irá experienciar o silêncio em seu ato de auscultá-lo. A relação ente-ser, fenomenologicamente, chamada de diferença ontológica, é uma das marcas da obra de Guimarães Rosa, quando o autor transcreve à palavra o contorcer-se dos sentidos do som em cada detalhe da mundaneidade:

Na escala do planeta, em seu cotidiano, nem o homogêneo espacial, nem o heterogêneo dinâmico e indeterminado, representam a permanência da particularidade. Esta é um mosaico informe de que só se apreendem os instantes fragmentados do repouso e do movimento, na ainda ilusão da mundialidade do presente. (SILVA, 2000, p. 11).

A palavra, em sua manifestação pelo som alcança configura-se como silhueta do fenômeno des-velado pela sonância, em uma miríade de fragmentos do mundo: “É a sobre determinação da idéia, no projeto e no plano, que procura dar coerência ao mundo fenomênico, a partir do qual são organizados pela mente os pedaços.” (SILVA, 2000, p. 11). O real em-si, supera-se no seu próprio sentido, que ultrapassa a razão, gera o sentir e re-significa-se em cada nova experiência do ser-aí que o habita: “Não que o real não tenha um sentido apreensível: mas, é uma lógica plural, que o apropria como forma, estrutura, símbolo e movimento, numa composição que, se retém o cotidiano, também o transfigura.” (SILVA, 2000, p. 11).

Quando Nhô Zequiel *diz* o silêncio, percebe-se sua aflição, por ter ficado tão próximo dessa manifestação, uma das mais próximas possíveis da tessitura do Ser, ao ponto de, muitas vezes, o personagem inclinar-se à uma inversão ontológica, do silêncio como vazio ou nada, sendo o inverso. O Ser só o é enquanto (des)velável pelo(s) ente(s), são indissociáveis, na mesma proporção do *Em-si e Para-si* sartreano.

Nhô Zequiel figura como o arauto dessa dualidade onto-ontológica, por captar a *terrenização*, nas palavras de Heidegger (2015), do Ser, suas *grafias*, que são os entes que compõem os pontos da fenomenicidade entrecortada pela finitude que o (des)vela. Talvez, a partir dessa condição de porta-voz do silêncio (como

tessitura do Ser) pelas contradições de suas contradições e diferença (as *grafias* sonoras), é que é o personagem de Rosa (1988) seja tão afetado e transparece tal inquietude com tanta força, psicológica e física ao longo do texto.

O fenômeno *grafa-se* na voz, pelos entes, nos acontecimentos do cotidiano e da mundaneidade, no caso das passagens de Nhô Zequeiel, como reflete Derrida (1994, p. 88) sobre a *aderência-inerente* do som à coisa, sendo o primeiro a linguagem do ser em sua manifestação pelo ente: “O fenômeno não cessa de ser objeto para a voz. Pelo contrário, na medida em que a idealidade do objeto parece depender da voz e tornar-se, assim, *absolutamente disponível* nela, o sistema que liga a fenomenalidade à possibilidade do *Zeigen* funciona melhor do que nunca na voz.”

A voz, o som como fenomenicidade, ou seja, manifestação do ser encontra no ente suas diferentes formas, circunscrições situacionais do ser-em, estares do fenômeno em seus (des)velar: “A *forma se dá com a idealidade dominada do fenômeno*.” (DERRIDA, 1994, p. 88-89 – grifos do autor). Palavra é marca, *grafia* do ser no mundano fático, que nos permite aproximarmos do silêncio na fronteira entre a essência e a nada, em tentativas recorrentes de auscultar o Ser pelo ser dos entes em suas *grafias sonoras*: “Dizer – no entanto “também” *verbalização!* Mas só no sentido da comunicação – ou? *A pronúncia como terrenização da clareira* e só por isso utilizável como via de comunicação. *A palavra toante e a marca característica toante. A audição e a razão.*” (HEIDEGGER, 2015, p. 102 grifos do autor).

Em conformidade com as reflexões de Derrida (1994) e Heidegger (2015), há os escritos de Steiner (2003), quando o autor referencia a voz humana em sua tentativa de ultrapassar o silêncio em exercício de *tradução* ora do dizer do Ser pela essência dos entes, englobando desde elementos míticos à vida cotidiana, igualmente como observamos no esforço de Nhô Zequeiel em *Buriti*:

Pero esta liberación, la voz humana que suscita el eco donde no había antes sino silencio, es tanto milagro como escándalo, sacramento como blasfemia. Es un corte tajante con el mundo del animal, progenitor del hombre y a veces su vecino, del animal que, si captamos correctamente los mitos del centauro, el sátiro y la esfinge, ha sido tejido con la fibra misma del hombre, y cuya inmediata cercanía instintiva, cuya forma física sólo parcialmente se han alejado de la nuestra. (STEINER, 2003, p. 53-54).

Nhô Zequeiel é inquieto, amedrontado e, muitas vezes, melancólico, e os sinais dessas características pelo seu contato com o auscultar do silêncio são

distribuídos ao longo do conto rosiano: “Depois, tanto silêncio no meio dos rumores, as coisas todas estão com medo. Então, o que vem, é a uma cobra desconforme, cor de olhos ... Mutum.” (ROSA, 1988, p. 123-124). O próprio do silêncio, ou da quietude, como passagem reincidente de percurso do saber e ser é indagado também por Steiner (2003), aproximando-o do postar-se frente à floresta ôntica heideggeriana para assim termos a possibilidade de (des)conhecer-se, como ocorre com a personagem de Guimarães Rosa:

La elección del silencio por quienes mejor pueden hablar es, me parece, históricamente reciente. El mito estratégico del filósofo que opta por el silencio debido a la pureza inefable de su visión o a la falta de preparación de su auditorio tiene precedentes muy antiguos. Constituye el tema de Empédocles en el Etna y de la distancia gnómica que guardaba Heraclito. Pero la elección del silencio por parte del poeta, el escritor que a mitad de camino abandona la modelación articulada de identidad, son cosas nuevas. Se presenta, como una experiencia obviamente singular pero formidable en sus implicaciones generales, en dos de los principales maestros, forjadores, presencias heráldicas, si se quiere, del espíritu moderno: en Hólderlin y en Rimbaud. (STEINER, 2003, p. 64).

O medo sentido por Nhô Zequiel, o *inimigo* é maneira como o poeta, nesse caso Guimarães Rosa, nos passa uma impressão da essência para a niilidade, de proximidade muitas vezes com o Nada mais que o Ser, pelo silêncio do mundo no inaudito das coisas pelo Em-Si⁵. Se os sons, realmente, parassem todos, e houvesse

⁵ “Logo, o que desejamos nos apoderar fundamentalmente em um objeto é seu ser e é o mundo. esses dois objetivos da apropriação constituem na realidade apenas um. Busco possuir, detrás do fenômeno, ser do fenômeno. Mas esses ser, muito diferente do fenômeno de ser, como vimos, é o ser-Em-si, e não somente o ser de alguma coisa em particular. Não que haja aqui uma passagem ao universal, e sim porque, sobretudo, o ser considerado em sua nudez concreta torna-se de súbito o ser da totalidade. Assim, a relação de posso surge-nos claramente: possuir é querer possuir o mundo através de um objeto em particular. E uma vez que a posse se define como empenho para captar-se a título de fundamento de um ser, na medida este se consiste idealmente em nós mesmos, todo projeto possessório visa constituir o Para-si como fundamento do mundo, ou totalidade concreta do Em-si, na medida em que esta totalidade é, enquanto totalidade, o próprio Para-si existente ao modo do Em-si. Ser-no-mundo é projetar possuir o mundo, ou seja, captar o mundo total como aquilo que falta ao Para-si para tornar-se Em-si-Para-si; é comprometer-se em uma totalidade, que é precisamente o ideal, ou valor, ou totalidade totalizada, que seria idealmente constituída pela fusão entre o Para-si, enquanto totalidade destotalizada que tem-de-ser o que é, e o mundo, enquanto totalidade do Em-si, que é o que é. Com efeito, deve-se bem entender que o Para-si não tem por projeto fundamentar um ser da razão, ou seja, um ser que ele primeiro concebesse – forma e matéria – para depois conferir-lhe a existência: tal ser, de fato, seria um puro abstrato, um universal; sua concepção não poderia ser anterior ao ser-no-mundo, mas, ao contrário, iria pressupô-lo, tal como iria pressupor a compreensão pré-ontológica de um ser eminentemente concreto e de antemão presente, que é o “aí” do ser-aí primordial do para-sí, ou seja, o ser-do-mundo; o Para-si não existe para pensar primeiro o universal e determinar-se em função de conceitos: ele é sua escolha, e sua escolha não poderia ser abstrata, caso contrário o próprio ser do Para-si seria abstrato.” (SARTRE, 2008, p. 729-730)

a quietude absoluta, em meio a tantos ruídos, estampidos e estalos, então não mais haveria o movimento o ente ao qual o ser pudesse (des)velar-se a auscultação.

A finitude é presenciada pelo Chefe Zequiel em *Buriti*, por guardar, resguardar e permitir pela palavra, a voz do sentido no som de cada coisa e ser vivo a essência do existente em sua própria existência. A inquietação do personagem de Guimarães Rosa é incurável, e tanto dádiva como fardo, já que quanto mais procura o inaudível no mundo, mais Chefe Zequiel ausculta, ou seja, escuta fenomenologicamente tudo e todos que o cercam:

O Chefe Zequiel, ele pode dizer, sem errar, qual é qualquer ruído da noite, mesmo o mais tênue. – “É bem. Ele há-de estar ouvindo, está lá no moinho, deitado mas acordado, a noite inteira, coitado, sofre de um pavor, não tem repouso. Quem sabe, na cidade, algum doutor não achava remédio para ele, um calmante?” Aziago, o Chefe Zequiel espera um inimigo, que desconhece, escuta até aos fundos da noite, escuta as minhocas dentro de terra. Assunta, o que tem de observar, para ele a noite é um estudo terrível. – “E faz tempo que ele tem essa mania?” – Figuro que de muito. Mas só de uns dois anos é que veio em piorar... “O que o Chefe devassou, assim, encheria livros” (ROSA, 1988, p. 99).

Uma relação interessante que podemos efetuar a partir do trecho de Rosa (1988) é maneira pela qual o autor nos explica a maneira *diferente* de Nhô Zequiel *ouvir*, aproximando-se muito do auscultar fenomenológico, um patamar mais profundo ao simples ouvir dos sons, palavra e ruídos: “[...] vivia azucrinado pelo *dentreouvir* “Muitas outras pessoas, em parecidas condições, não aprenderam a *dentreouvir*.” (ROSA, 1988, p. 100). E, mais que o ato do auscultar do Chefe, o autor reforça que nem todos possuem a abertura necessária para essa audição especial, do auscultar às coisas, como intencionalidade atenta ao silêncio, tanto do Ser como o Nada, porque na batalha entre a essência e o vazio, há mais caos de pulsação de sentido que um ordenamento, racional e indutivamente efetuado por nós em contato com a facticidade do mundo⁶, *dentreouvires* como auscultação, pelas *grafias* da silenciosidade, ou da inexistência do sentido pelo som das coisas, do mundo, do outro e de si mesmo.

⁶ “Assim, o mundo silencioso seria anárquico. O saber não poderia aí começar. Mas já como anárquico – no limite do sem-sentido – a sua presença na consciência está na sua expectativa da palavra que não vem. Surge assim no seio de uma relação com Outrem, como sinal que Outrem liberta, mesmo que ele dissimule o seu rosto, ou seja, se furte ao auxílio que teria de levar aos sinais que liberta no equívoco. Um mundo absolutamente silencioso, indiferente à palavra que se cala, silencioso num silêncio que não deixa adivinhar, por detrás das aparências, ninguém que assinale esse mundo e que se assinale ao assinalar o mundo – ainda que fosse para mentir através das aparências, como um

Auscultar o silêncio: entre o *Para-si* e o *Dasein*, paisagens sonoras

Para se chegar ao silêncio na fresta do Ser e o Nada, Guimarães Rosa (1988) nos desloca no mundo, imergindo-nos nos sertões da fazenda Buriti Bom: “O Buriti Bom, por exemplo, era um lugar não semelhante e retirado de rota. Um ponto remansoso. [...] Mesmo naquele casarão de substante limpeza e riqueza, o viver parava em modos tão certos – a gente concernia a um estado pronto, durável.” (ROSA, 1988, p. 101-102). Guimarães Rosa, em diferentes momentos, retorna à complexidade ôntico-ontológica de aderência do sentido ao ente, por meio da representação escrita do som à coisa ou algo que origina, ou não em meio facticidade mundana:

O Chefe Zequiel: — “...Mesmo muito antes do primeiro galo em-cantar, que foi, um cão uivou no terreirinho do José Abel...” O Chefe, ele escuta, de escarafuncho. Trás noite, trás noite, o mundo perdeu suas paredes. Fere um grilo, serrazim. Silêncio. E os insetos são milhões. O mato — vozinha mansa — aeiouava. Do outro mato, e dos buritis, os respondidos. Mais frio e cheio de calor, o Brejão bole. Um peixe espiririca. Um trapejo de remo. Um gemido de rã. O seriado tui-tuí dos paturís e maçaricos, nos pirís do alagoado. Nunca há silêncio. (ROSA, 1988, p. 142).

Têm-se pelas falas de Nhô Zequiel ou momentos de narração do autor, construções simbólicas de verdadeiras paisagens sonoras Truax (2009). O som do mundo, ou a ausência da sonoridade ou ruído, amplamente presente nas paisagens das coisas, e entes sonoros, tal como, também trabalhado, por autores como Fogel (1996; 2017), Steiner (2003), Correa (1978) e Silva e Borges (2004), passando por Nancy (2007) e Derrida (1994). É possível, então, retornar aos nomes (COUTINHO, 1976) e às formas do Ser (SILVA, 2000), como tentativa de chegada às coisas mesmas, o seu ser, que está, como diz Sartre, *em toda parte*, como a paisagem do sertão rosiano (RONCARI, 2004).

Às palavras do poeta ou escrita cabe então o uso e recurso dos mais variados caminhos para se chegar no toque da linguagem à silhueta da essência: “As palavras, como sabemos, têm o poder de fazer desaparecer as coisas, de as fazer

gênio maligno – um mundo tão silencioso não poderia sequer oferecer-se como espetáculo.” (LEVINAS, 2018, p. 84).

aparecer enquanto desaparecidas, aparência que nada mais é senão de um desaparecimento, presença que, por sua vez, retorna à ausência pelo movimento de erosão e de usura que é a alma e a vida das palavras, que extrai delas luz pelo fato de que se extinguem, a claridade através da escuridão.” (BLANCHOT, 2011, p. 37). Em concordância com Blanchot (2011), Levinas (2018) reafirma o papel fundador da palavra em relação ao sentido e ao ser, como escrita ou som transformado na verbalização:

133

O ser, a coisa em si, não é, em relação ao fenômeno, o escondido. A sua presença manifesta-se na palavra. Apresentar a coisa em si como escondida equivaleria a supor que ela está para o fenômeno como o fenômeno está para a aparência. A verdade do desvelamento é, quando muito, a verdade do fenômeno escondido sob as aparências. A verdade da coisa em si não se desvela. A coisa em si exprime-se. A expressão manifesta a presença do ser, mas não afastando simplesmente o véu do fenômeno. Ela é, de per si, presença de um rosto e, por conseguinte, apelo e ensinamento, *entrada em relação comigo* – relação ética. (LEVINAS, 2018, p. 176).

A relação comigo da qual fala Levinas (2018) é o que ocorre na fazenda Buriti Bom de Guimarães Rosa. Naquelas paragens do remanso o si dos personagens se aproxima de suas próprias essências já que, em última instância, experienciar o silêncio é num primeiro momento ouvir (todas) as coisas e, de forma mais atenciosa, auscultar-se em nossa própria quietude, como guardadores da linguagem e do Ser: “A palavra é, de fato, uma manifestação sem paralelo: não efetua o movimento que parte do signo para ir até ao significante e ao significado.” (LEVINAS, 2018, p. 176). O sentido entre o silêncio e a sonância fecha seu ciclo entre o significante e o significado, tal como postulado por Nancy (2007):

Escuchar es entrar en esta espacialidad por la cual, al mismo tiempo, estoy penetrado. Pues ella se abre, tanto en mí como alrededor de mí; ella me abre tanto en mí como al afuera, y es así por medio de una doble, cuádruple o séxtuple abertura que puede tener lugar un “sí-mismo”. Estar a la escucha es estar al mismo tiempo afuera y adentro, el estar abierto del afuera y del adentro, de uno al otro y de uno en el otro. La escucha formaría de este modo la singularidad sensible que sostendría del modo más ostensivo la condición sensible o sensitiva (aistética) como tal: el reparto de un adentro/afuera, división y participación, desconexión y contagio. (NANCY, 2007, p. 35).

Somente pela escuta atenta, tal como a epoché husserliana como ato intencional perante o mundo permitirá o alcance mencionado pelo autor. É desta maneira que reafirma Fogel (1996) quando diz que: “O silêncio se faz como escuta, quer dizer, como abandono atento, como entrega cuidadosa” (FOGEL, 1996, p. 51). Nhô Zequiel em *Buriti* exercita essa escuta atenta, o auscultar o silêncio e o mínimo ruído, posicionando a si mesmo, como ser-aí, entre o imanente e transcendente do sentido pela sonância e quietude: “[...] assim, nesta e desde esta participação, se faz ação, atividade, uma vez que tal transcendência é em si e por si mesma ação, atividade, isto é, auto-exposição, fazer-se e aparecer desde si” (FOGEL, 1996, p. 51). Nestes termos que Nhô Gualberto faz seu relato sobre Nhô Zequiel:

- Um bobo, que deu em doido, para divulgar os fantasmas. Ao acho, por mim, será doença. Mal o senhor sabe? Cada raça de bicho tem seu confim de ouvir, com isso já crescem acostumados. A gente, também. Cachorro, ouve demais. Por causa, eles dão notícia de muito espanto, que não se saiba. Eles uivam. Cachorro que às vezes dá de uivar, até secar a voz para sempre, vira fica mudo. O chefe, por erro de ser, escuta o que para ouvido de gente não é, por via disso cresceu nele um estupor de medo, não dorme, fica o tempo todo aberto, à vãs... Daí deu em dizer que está sempre esperando... (ROSA, 1988, p. 114).

Estes sons do silêncio exemplificados por Rosa (1988) formam o emaranhado ôntico, de manifestação das essências-sem-fim do movimento-mundo, presente no microverso de recorte narrativo que é a fazenda Buriti Grande. Nossa linguagem cotidiana nos obriga à uma comunicação e contato com informação que nos ultrapassam em abundância de sentidos efêmeros. A auctórica ao modo de como ocorre com Nhô Zequiel em *Buriti* nos exige mais, colocando-nos em choque com uma atenção única ao ruído, som e palavra, valorizando cada emissão linguística para significação dos entes em seus seres ou então na captação da palavra dita ou emitida por estes entes, animados ou inanimados e, também, o outro em nossa relação com o mundo que nos cerca e habitamos:

Na linguagem comum a palavra é utilitária, é o prático-inerte que se exaure em sua função de comunicar: ela serve, e nesse servir se esvazia, desaparece: desatenta à sua própria natureza, só funciona a partir daquilo a que serve. No poema, ao contrário, a palavra é palavra, impõe-se como palavra desprovida de dimensão utilitária. Quando a obra de arte apresenta o mundo, a matéria de que é feita é posta em

evidência, manifesta-se, passa a ser vista na sua condição de matéria. (BORNHEIM, 1972, p. 152).

135

A partir das palavras de Bornheim (1972) podemos refletir sobre a manifestação do ser do ente, em paralelismo ao som (o ôntico) e seus sentidos (o ontológico). E, mais do que isso, há o questionamento de se posicionar no limiar da diferença ontológica, quando não há som ou sentido, apenas a impressão do ruído ou presença do silêncio como ausência da sonância, no limite nada-se, desafio maior do Dasein heideggeriano, tal como observa-se como contemplação, sabedoria ou temor de Nhô Zequiel:

Do mesmo modo que a ἀλήθεια conduz o *Da-sein* ao Mistério, colocando-o em um privilegiado lugar de escuta, também a fala originária exige a superação da cotidianidade. No caminho da linguagem, peregrinos, dirigimo-nos à *familiaridade da proximidade essencial... com a promessa de caminharmos visando ao caminho da própria linguagem em cujo ser nós sempre já somos ou habitamos, e onde também o caminho da linguagem tem seu sítio.* (GMEINER, 1998, p. 102 – grifos da autora).

Não há linguagem possível para o silêncio, mesmo na tentativa de abarcar todo som em um significante correspondente, na palavra, haverá o ponto zero, a chegada ao silêncio. O (re)encontro do Ser com o silêncio, seu estado de potência máximo em equidade a força do próprio vazio ou Nada, ultrapassa o físico, a matéria, a própria facticidade, como toque no transcendental:

Nenhuma ruga na superfície das águas, certa transparência onde esse olhar absolutamente ingênuo penetra, é a recompensa da renúncia a nos analisarmos a nós mesmos. [...] Praticam-no os místicos, os que se entregam a certas formas de meditação oriental, nas quais o sujeito procura reduzir a movimentação da mente até fixa-la num ponto, numa só palavra, numa só visão, sem expressões, sem deduções lógicas: A mente deve imobilizar-se, sossegar totalmente, para se deixar invadir pela paz. O ser então se esquece, se abandona, funde-se em si mesmo, elevando-se a uma transcendência sem verbos, portanto inefável. (POYARES, 1983, p. 20).

O que ponderam Poyares (1983), Gmeiner (1998) e Bornheim (1972) pode ser constado nas palavras do próprio Nhô Zequiel, em sua posição existencial única entre a facticidade e transcendental alcançado ou tocado em sua superfície pelo limite do ruído mínimo e os sons que preenchem o silêncio:

A anta ri assoviando. Atrás, em cada canto do campo, tem uma cobra, espreitante. O vento muda: traz voz, marmúgem. Os ariris cantam, sibilam as sílabas; piam no voo; esses viajam, migram à noite. São praga dos arrozais. O latido de cães longínquos é um acêso — os nós, manchas de fôgo. Cachorro pegou o cheiro dum bicho, está acuando. Esse bicho de certo errou o rumo de manejo do vento. Agora, recomeçam os sapos: eles formam dois bandos. Lua defeita, o silêncio se afunda, afunda — o silêncio se mexe, se faz. O urutáu, que o canto dele encantado de gente, copiando: é um homem ou mulher, que estão sendo matados, queixas extremas. Depois, tanto silêncio no meio dos rumores, as coisas todas estão com medo. Então, o que vem, é uma cobra desconforme, cor de olhos. Calamidade de cobra. Um mau espírito, ainda sem nenhuma terra. Todos na casa-da-fazenda dormem, o povo, todo o mundo; o inimigo não é com eles. O Chefe, não; não se concede. Se descuidar, um segundo, um está ali, ao pé dele, dentro dele. (ROSA, 1988, p. 123).

Somos, portanto, o lugar de todos os lugares como reflete Evaldo Coutinho (1976) e também os existenciadores do miradouro do Ser, pela palavra, linguagem e também no silêncio e quietude. Dizemos os seres dos entes tanto quanto possuímos a capacidade de ir ao encontro de sua auscultação. Pelo Dasein heideggeriano a palavra, falada, cantada, bradada, sussurra ou murmurada torna-se, nesse sentido, no invólucro que *sombreia* o mostrar-se do ser. O velamento do finitizar-se do ser no ente também é a forma do seu desvelar como fenômeno.

Escusado será dizer que nessa passagem a Terra, deixando seu significado propriamente geográfico, designa o fundo escuro de onde todos os seres saem para a luz, e a essência da Terra é o que esconde algo sempre em cada um dos seres, no momento em que eles se expõem à luz. O trabalho do homem consiste, ao construir o templo, em retirar a pedra e o metal, da costa a noite de seu torpor, de sua obscuridade original, sem nunca chegar à subtraí-los inteiramente da Terra, que está na sombra e os dissimula. O homem está em um combate incessante, é o dia que dá às coisas um sentido, uma grandeza, um afastamento, fazendo emergir um mundo, é a noite, da “Terra”, fundo escuro, a que retorna a obra humana, quando, abandonada, volta a ser pedra, madeira e metal. (DARDEL, 2011, p. 42).

Em concordância com as asserções de Dardel (2011), Besse (2006), Cauquelin (2007), Berque (1998) e Collot (2013) perfazem o caminho fenomenológico erigido a partir da herança husserliana em Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, principalmente. Literatura e espacialidade, como geograficidade expressa na

linguagem escrita, que demandaria todo um movimento específico de análise e perscrutação geoliterário da obra de Rosa (1988), para além do exposto até esse momento no presente artigo.

Gmeiner (1998), por meio de uma reflexão sobre a ontologia fenomenológica do devir existencial do ser-aí diz: “Sem a palavra o Ser não é, não deve e não pode ser. Daí a nomeação da palavra como a ‘casa do Ser’. Onde há a palavra, pode revelar-se o Ser.” (GMEINER, 1998, p. 109). O privilégio da fala, ouvir e expressar o seu em seu des-velamento, tal como encontra-se em *Buriti* em possibilidade de aplicação ontológico-existencial do som e ser dos entes pela linguagem:

Nessa admiração, o ser do ente, aberto para os filósofos gregos, foi guardado nas palavras fundamentais, cujo nomear, quando filosofamos verdadeiramente, entrando em relação dialogal com eles, ouvimos o apelo do ser do ente que nos fala. A Filosofia seria também um modo privilegiado do dizer. Os primeiros pensadores, como Heráclito e Parmênides, ainda eram poetas. Enquanto vislumbraram o ser como lógos e alétheia, em sua união coligente com o tempo, o seu pensamento foi um *dichtende Denken*, um pensamento poético, que a Filosofia absorveu. (NUNES, 1986, p. 277).

O Dasein em facticidade como existenciador da (in)finitude, habita o mundo, o preenche de sentido, como as paisagens sonoras⁷ de *Buriti*. Mas o uso, ou tentativa de articulação pela linguagem na tradução de todo esse preenchimento ou esvaziamento de sentido não é efetuado por todo ser-aí, como escuta atenta do mundo, de si e do outro. Por fim, retornemos a Merleau-Ponty, com uma problematização onto-ontológica sobre o silêncio, e seu papel desafiador tanto na fenomenologia como metafísica. A assertiva do filósofo francês é clara quando diz que:

⁷ O pensamento da finitude defronta-se com um fato aparentemente intransponível quem ousa penetrar no santuário da metafísica: afirmação de uma filosofia primeira, no sentido clássico (estático, absolutizante), condenando o homem a depender de uma estrutura ontoteológica, sobre a qual não possui poder algum de ação. A rigidez desta dimensão metafísica reduz o homem à imobilidade e ao silêncio diante de questões fundamentais. É tarefa de uma ontologia da finitude substituir criticamente uma tal filosofia primeira. Essa tarefa colide frontalmente, com a pretensão dos que suspendem todo o mundo num ser ontologicamente último, dado e afirmado *a priori*, origem definitiva, infinita e absoluta de todo o ser e conhecer. (STEIN, 1976, p. 18-19).

O verdadeiro não é nem a coisa que vejo, nem o outro homem que também vejo com meus olhos, nem enfim essa unidade global do mundo sensível e, em última instância, do mundo inteligível que há pouco tentávamos descrever. O verdadeiro é o *objetivo*, o que logrei determinar pela medida ou, mais geralmente, pelas *operações* autorizadas pelas variáveis ou entidades por mim definidas a propósito de uma ordem de fatos. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 25).

No entanto, é possível nos questionarmos sobre essa asserção do filósofo francês, novamente, deixando uma abertura ao debate onto-ontológico tanto do silêncio como outras searas profícuas do método fenomenológico. O silêncio assim como no sagrado e profano do seu existir também possui uma dualidade de sua condição para nós, os entes privilegiados, capazes de conter ou irromper a silenciosidade. Seja como contensão sensível, emocional e experiencial ou como emanção e exasperação do devir existencial, a palavra e o silêncio de nosso interior (des)comunica-se com o mundo, ora indo ao seu encontro, ora o negando, mas sempre o vivendo intensamente como sonância, sentidos e ou silêncio.

Considerações finais

Som, silêncio e sentido formam os pilares da análise empreendida neste artigo, partindo-se da ilustração literário do recorte específico de *Buriti* de Guimarães Rosa, especificamente a personagem Nhô Zequiel que, pela voz do autor, nos apresenta, descreve e interioriza suas experiências ôntico-ontológicas do sentido de si mesmo, para o outro e o mundo pelo som e silêncio que vivencia na fazenda.

A centralidade da intencionalidade do ato de escutar atento pelo devir existencial de Nhô Zequiel é ponto de partida e chegada, na reflexão proposta neste artigo. A ontologia fenomenológica possui os atos intencionais como um de seus focos, havendo possibilidades diversificadas de observação e análise destas intencionalidades, por exemplo, na arte literária, como proposto nas passagens, narrativas, falas, silêncios, sons e sentidos do conto rosiano.

Sonância e silenciosidade sintetizam a força da nadificação e emanção do sentido, por meio da ubiquidade do vazio ou preenchimento dos sertões rosianos, porque nele estamos longe de tudo, como reflete Lalinha e sua extensão está em toda parte, na já expressão de Guimarães Rosa sobre as veredas do sertão (ROSA, 1978; 1988).

O exercício geoliterário e ontológico-fenomenológico empreendido nas páginas anteriores tem por objetivo suscitar e promover esta perscrutação analítica singular. O ser-no-mundo da existência de Nhô Zequiel serviu como ponto de partida e chegada a esta topoanálise e geopoética do som e silêncio nos sertões, que pode ser replicada ou expandida para outros exemplos e perspectivas de expressão da arte literária.

O si, o outro e o mundo permanecem, o som e silêncio continuarão se entrecruzando e a arte permanece em sua abertura como forma de expressão das camadas do existir e seus estares do ser-no-mundo por meio do som ou ruídos, no silêncio ou quietude.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rodrigo. Vergílio Ferreira e Clarice Lispector: correspondências com o silêncio. *Revista Pontes de Vista*, v. 2, p. 1-14, 2016.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. A Espacialidade do Ser em sua Escrita e Leitura. *SABERES*, Natal, v. 1, p. 111-143, 2015.

_____. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. *Revista Geografia, Literatura e Arte*, São Paulo, v. 2, p. 173-200, 2020.

BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1994.

BEAINI, Thaís Curi. *À escuta do silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1981.

_____. *Máscaras do Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *A Memória: Medida Ontológica do Cosmos*. São Paulo: Palas Athena, 1989.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia*. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e Finitude*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1972.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves. Editora: Oficina Raquel, 2013.

CORRÊA, Nereu. A arte difícil de Guimarães Rosa. In: *Tapeçaria linguística d'Os sertões*. In: *A tapeçaria linguística de Os sertões e outros estudos*. São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1978.

COUTINHO, Evaldo. *O lugar de todos os lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

D'BENEDETTO Antonio. *O Silencioso*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora Globo, 2006.

DERRIDA, Jacques. *A voz e o fenômeno*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

DOZENA, Alessandro. Os sons como linguagens espaciais. *Espaço e Cultura*, v. 45, p. 31-42, 2019.

FOGEL, Gilvan; RUIN, Hans; SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Por uma fenomenologia do silêncio*. Rio de Janeiro: Livraria Sete Letras, 1996.

_____. Escuta, silêncio, linguagem. In: *AUFKLÄRUNG: REVISTA DE FILOSOFIA*, v. 4, p. 47-58, 2017.

GIVONE, Sergio. *Historia de la nada*. Trad. Alejo González y Demian Orosz. Córdoba, Argentina: Adriana Hidalgo Editora, 2009.

GMEINER, Conceição Neves. *Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger*. Santos: Leopoldianum, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser/ço caminho do campo*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

_____. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Marcas do Caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis RJ: Vozes, 2009.

_____. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

LE BRETON, David. *Do Silêncio*. Trad. de Luís Couceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. Trad. José Artur Gianotti; Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NANCY Jean-Luc. *A la escucha*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires; Madrid: Amorrortu. 2007.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POYARES, Walter Ramos. *Falo, logo sou: o fenômeno humano da comunicação*. Rio de Janeiro: Agir\Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

ROCHA, Edinael Sanches. O "Buriti" e os buritis: breve estudo sobre a obra de Guimarães Rosa e a cultura e a mitologia dos povos originários das Américas. *Literatura E Sociedade*, v. 25, n. 32, p. 127-147, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p127-147>> Acesso em 01 de out. 2021.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. *O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano): o amor e o poder*. 1a. ed. São Paulo: Editora Unesp / FAPESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. 12ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

_____. Buriti. In: *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

STEIN, Ernildo. *Melancolia: ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.

_____. *Compreensão e Finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

STEINER, Georg. *Lenguaje y Silencio: ensayos sobre literatura, el lenguaje y lo inhumano*. Trad. Miguel Ultorio. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

SILVA, Armando Corrêa da. A aparência, o ser e a forma (Geografia e Método). *GEOgraphia*, ano II, n. 3, Niterói, UFF, p.7-25, 2000.

SILVA, Carlos Augusto Moraes; BORGES, Luciana. . Entre o silêncio da palavra e as falas do silêncio. *Linguagem. Estudos e Pesquisas*, Catalão, v.4, n.1, p. 93-109, 2004.

TRUAX, Barry. Introduction to five village soundscapes (1977). In: SCHAFER, R. Murray (Ed.). *Five village soundscapes*. 2. ed. Tampere: TAMK University of Applied Sciences, 2009. p. 286- 289.